



## Correspondência

A. S. — Sim senhor, dê os meus cumprimentos a "um dos maiores pintores do mundo", que vive em seu país; mande-nos, pelo contrário o endereço do "menor pintor de seu país": este é o artista que nos interessa, não aquele outro.

M. T. U. — Não podemos lhe indicar nenhum instituto de estudos superiores de arte, para o aperfeiçoamento nas matérias escolhidas. Experimente ler um compêndio de história de arte, que encontrará em qualquer livraria.

Q. B. e S. — Sentimos muito, porém o quadro do qual envia a fotografia, não é obra autografa de Raffaello Sanzio, mas sim uma cromolitografia da "Madonna della Seggiola", que se encontra nos Uffizi, em Florença.

B. B. B. — Por que pensa que o Presidente seja contrário à arte moderna? O mais bonito edifício para ministério do mundo foi construído durante o governo de Getúlio Vargas, e isto é uma honra para um cabo de governo, uma verdadeira honra.

A. Z. — Por nada exato: o Museu de Arte foi fundado quando o outro estava ainda em mente Dei. Mas não acredite que no Museu sem adjetivos se pense em exclusivismos: lá pensam que São Paulo deveria transformar em museus (de arte) todas as casas lotéricas da cidade: teríamos então menos pobres de espírito, daqueles que acreditam às cegas na má sorte.

S. L. — Faça o seguinte, Dona Judith, espedace sua bonita estátua de alabastre, que representa a Primavera apertando ao peito os lírios, e ponha no lugar um Henry Moore. Se por acaso virá à sua casa uma pessoa bem informada, cumprimentará a Senhora de modo mais caloroso. Quanto à opinião da prima-irmã, não ligue: nenhuma prima do mundo entende de arte.

ROM. — Não são cópias, são quadros verdadeiros, originais. Foi uma mulher histérica que, há três anos, durante um banquete, espalhou este presunso escândalo. Conhece as mulheres: elas têm as crises, que depois passam e acabam na história da estupidez.

H. T. — Quanto vale o quadro recebido como presente de casamento? Não sabemos. Pela fotografia nos parece um

daquêles quadros pintados sem inspiração, por pintores honestos, artificiosos, que não precisam ir a Itália para tirar das "fontes". Guarde aquele quadro, que lembrar-lhe-á um amigo e um pintor modesto, que pinta como o sapateiro costura os sapatos. São estes pintores muito mais interessantes daqueles que se julgam artistas e nos amolam o ano todo com discursos sobre arte, quando seria melhor falar só em feijoada.

L. S. L. — Não encontra notas sobre o Museu no "Estado de São Paulo". Não entendemos: quer nos informar porém em que cidade aperece este jornal?

P. Q. M. — Não acreditamos que a afamada cantora preta Marian Anderson não foi hospedada no Hotel Esplanada por motivos de raça, mas antes porque a direção receava que a Anderson, senhora de alto gosto, teria notado as decorações.

L. Z. — Ouro Preto é uma cidadezinha que todos os brasileiros deveriam conhecer, cidade com fragância de Brasil verdadeiro. Não dê atenção às paisagens pintadas de Ouro Preto. Estragam até Veneza com a má pintura.

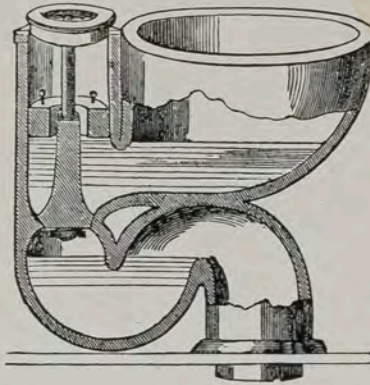
A. O. — Nos conta que deve ir a Paris. Boa viagem. E conta que deve ir para se encontrar com Sartre, causa certos problemas. Ótimo, vá. Mas todavia, acrescenta, queria ficar aqui por medo de ser surpreendido na Europa pela guerra. O Senhor é um existencialista que se preocupa muito com a existência; e por que não entra na sua casca e aí fica?

F. A. — Nos pergunta por qual razão "Habitat" não publica bonitas decorações que são a delícia das famílias burguesas. As publicaremos, não há dúvida, e — como avisa oportunamente — para dizer o bem que merecem.

A. M. — Na "Vitrina das Formas" do Museu está exposta uma batadeira, juntamente a belíssimos vasos antigos. Fica surpreendido e observa então que a cozinha é um museu. E poderia ser muito bem: a cozinha é sempre o único ambiente de bom gosto nas casas. Se suas cortinas, seus móveis, seus bibelots tivessem o estilo da geladeira não teríamos de cobrir os olhos pelo espanto por tantos horrores.

C. M. — Leon Dégan, o antigo diretor do Museu de Arte Moderna, era incapaz? É o Senhor que assim pensa. Leon

Dégan é um daqueles que logo entendem, e de fato logo entendeu.



W. C. — São estas as proféticas iniciais de um jovem que se denomina pintor, por ter comprado uma caixa de tintas e pincéis, e se chama crítico de arte por pensar que a arte é uma latrina, onde é permitido aliviar a própria diarreia e constipação, criticando os efeitos dos reguladores intestinais (Os inspiradores para as críticas são os tampas do W. C.).

T. S. — Inúmeros leitores, como o Senhor, perguntam se podem colaborar. Com toda certeza. "Habitat" não é um clube restrito, e somos contentes receber a colaboração daqueles que acham estar na linha da nossa maneira de entender a arte contemporânea. É necessário saber o que nos consideramos arte e qual valor damos a palavra contemporânea.



Quem atrever-se-ia dizer uma palavra sobre este emaranhamento tão complicado de fios e pilhas? Ninguém, ou somente os técnicos. Se fosse entretanto uma tela abstrata, cada tolo proferiria sua opinião.

## Denúncia

A propósito das polêmicas surgidas por motivo da Exposição de Agricultura, e baseadas sobre o fato do Museu ter convidado, além de artistas nacionais, uns estrangeiros, um brasileiro nato, informado pelos jornais que um grupo de artistas — constituído por pessoas de arte e também por pessoas que com a arte nada têm para repartir — chegara até importunar o Secretário da Agricultura a fim de se queixar de tão grave afronta, nos escreve: "Talvez é a primeira vez no mundo que presenciemos uma "denúncia" de artistas estrangeiros hospedados num país: uma cidade que na história da arte contemporânea pode ser citada como exemplo, hospeda, alenta e sustenta dezenas de milhares de artistas, distribui — como e o caso dos brasileiros — bolsas de estudos, lautas e numerosas. Queríamos ver o que pensariam os artistas brasileiros hóspedes de Paris, lendo uma "denúncia" de espírito nacionalista e sectário, por terem eles sido convidados a trabalhar numa obra pública. O Governo inglês convidou a trabalhar o brasileiro Cavalcanti, e ninguém, nunca, se queixou por ser diretor de um museu romano um brasileiro caríssimo, e assim por diante. Entretanto, à base dessa "denúncia" há um espírito desprovido daqueles sentimentos normais em artistas, espírito sempre acima das pequenas desinteligências e mesquinhasarias. E se porventura os "denunciantes" tivessem lido seus nomes, teriam eles entendido que são brasileiros de poucos decênios, tempo este que não os justificava falar em nome da arte brasileira. São nomes italianos, o que significa que seus pais emigraram cá, e aqui, no Brasil hospedeiro, trabalharam também e especialmente em obras públicas, a convite dos Secretários de Agricultura, e fizeram quanto estava a seu alcance a fim de avigorar a vida de sua nova pátria. Tudo isto para concluir que o "nacionalismo artístico" está sempre passando de moda, e que não se trabalha para a paz do mundo com estas "denúncias". Entendemos para paz, a paz dos espíritos livres; não daqueles espíritos subordinados à ordens sectárias".



## Uma cadeira

A Senhora telefonou à prima-irmã, a prima telefonou à amiga que "tem bom gosto" e esta finalmente telefonou à outra senhora. As três encontraram-se a uma certa hora, na frente da Casa de Decorações e entraram.

— Desejam? — perguntou o vendedor.

— Queríamos ver uma poltrona — respondeu a primeira senhora.

— De couro ou de tecido?

— De couro.

— E que espécie de couro?

As três senhoras se olharam com interrogação e sacudiram a cabeça.

O vendedor encorajou: "Bezerro, cabra, vaca, onça, cobra, crocodilo, toupeira, rato, gato, cão...?"

— Qual é a mais cara?

O vendedor já tinha entendido: "Poder-se-ia tomar a pele de leão natimorto, e bordá-la com fios de ouro, e alguns brilhantes encaixados cá e lá."

— Mas haverá a impressão de poltrona dispendiosa, quando as pessoas sentarem, encher-se-ão de inveja? — perguntou a senhora que comprava.

— Com toda certeza. São estas as esplêndidas poltronas que executamos para o grande palácio de Ali-Bah-Bah.

Enquanto o vendedor estava explicando, entrou uma concorrente da Casa de Decorações. Uma senhora alta, as gorduras reprimidas por meios sabidos, o rosto todo suspenso pela cirurgia da beleza, loura, dum louro côr de "toilette" sem ventilador.

— Como vai, como vai? — e abraços e beijos, daquêles beijos que as mulheres dão no vazio, para não estragar a obra da Rubinstein.

— Muito bem, muito bem.

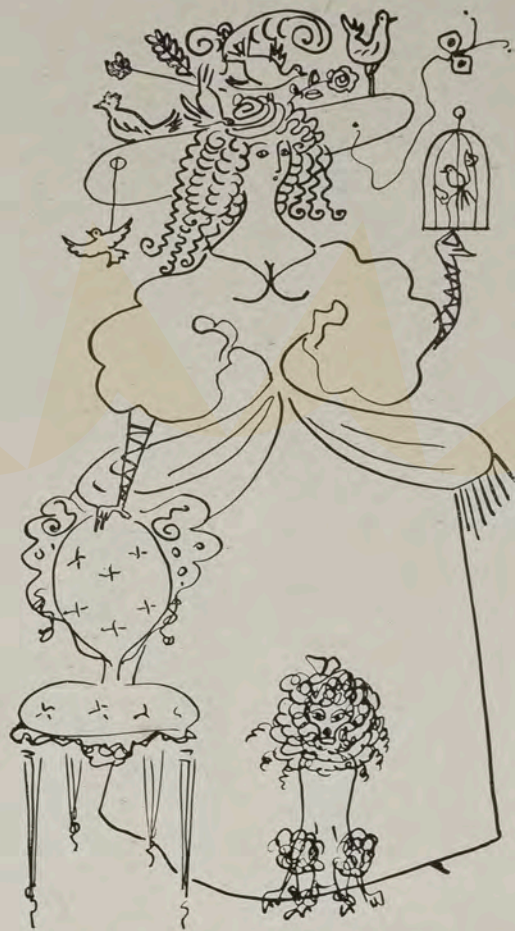
E então pediram à nova hóspede um parecer, uma opinião. Toda a cidade dos "nouveaux riches" era influenciada por este verdadeiro campeão da decoração, por este pequeno Napoleão dos estilos que agradam tanto as mulheres.

A crítica, de idade crítica, olhou os divãs com olhar grave, sentou na poltrona escolhida pelas senhoras, e se balançou nela. A gordura tremia, como quando a gelatina cai no prato. Fez várias observações de caráter técnico que, por exemplo, as molas servem para amaciar as superfícies e as senhoras disseram entre si: "como é estudada esta velha amiga". A conversa veio depois para o revestimento e então o vendedor ousou observar poder ele conseguir do cruzamento duma foca e dum leão, uma pele exclusiva, parte peixe e parte quadrúpede, especialmente cortida.

— Coisa comum — sentenciou o árbitro, acendendo o cigarro numa longa piteira, côr de rosa.

— Precisa algo excepcional, especialmente desenhado, deslumbrante.

Pegou numa lapiseira e fez traços no ar, mastigando-a em seguida. Começou então re-



Existem senhoras que ainda se apresentam trajadas assim

fletir, como as adivinhas quando pensam nas respostas, ao acaso.

Encheu-se, suou, torceu-se, ofegou, chorou, tomou depois fôlego, passou a mão nos cabelos, e entre a surpresa geral, mostrou de falar; as senhoras e o vendedor a rodearam, como no salão rodeam o poeta da famosa comédia "No mundo do tédio."

Ela falou: "Imaginal para você uma poltrona nunca vista, estilo Luís XV, que vou copiar dum album que tenho em casa."

## Sartre

Sartre virá, logo, a São Paulo. Esta é uma boa notícia para aquelas senhoras, que depois de ter mandado a mente Platão e Hegel, pensam que haverá uma grande temporada nas "boites", em ocasião da chegada do muito popular filósofo francês.

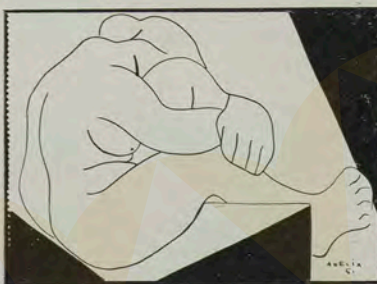
## Êle também

Veiu êle também ao Campo das Artes, o campo mais acessível, repleto de flôres. Está tanto na moda passar uns anos no campo das artes, e alcançar notoriedade. Os jornais são condescendentes e dedicando-se alguém às artes, o aplaudem e toleram que as agências dêle, príncipe das artes, martelem aquelas cabeças ôcas, que ao amanhecer de cada dia, procuram embeber-se de idéias novas.

## Os novos

É inevitável que acabe-se falando sempre nos mesmos artistas, quando os artistas são

poucos. A tarefa de "Habitat" é também de descobrir elementos novos, de torná-los conhecidos ao público. Pedimos pois, aos nossos leitores, principalmente àquêles das cidades longínquas, onde faz-se a "política das artes", de apontar para os isolados, que por uma razão ou outra ainda são desconhecidos. O mesmo seja em relação às ocorrências da arte colonial que surgiam ao conhecimento dos nossos leitores: redescobertas, arquiteturas esquecidas, documentos com cartas, fotografias do século passado: tudo, enfim, que possa interessar à arte brasileira em todas as suas manifestações.



Anesia, desenho (Gal. Domus)

## Paraná

Newton Carneiro publicou um trabalho muito interessante sobre "Iconographia Paranaense" (Impressora Paranaense, Curitiba 1950), onde reúne todas as imagens desenhadas antes da fotografia, tendo por tema aquela região. As ilustrações não são muitas, mas algumas delas possuem a poesia da descoberta, cheias de primitivismo que os pri-

meiros desenhistas do Brasil sabiam exprimir com candura e poesia.

## Sonhos

Com o que sonham à noite os "nouveaux riches"? Com salões de colunas de mármore, sustentando capitéis, com divãs matelassé, de cetim ou veludo, com franjas caídas e lustrosas, com avestruzes e galinhas douradas, cinzeladas para enfeitar as mesas, que acabam em pernas de leão, com quadros de cenas noturnas debaixo da lua, com tapetes orientais de fabricação italiana, com abat-jours enfeitados de ouro e lustres parecendo faróis ou tochas, com riquíssimas cortinas se arrastando pelo chão até juntar toda a poeira. E depois? Sonham êles ainda com mais coisas, além dos salões dourados e das pratas portuguesas? Sonhos, que segundo o bem conhecido estado freudiano, despertam a hilariedade de todos (menos aquela dos nouveaux riches, que os desejam e querem até superar tanta estupidez).

## Azulejos

Podemos confessar, à condição que ninguém fique ofendido, principalmente os nossos mais queridos amigos, como Burle Marx, que estimamos um dos cinco grandes artistas brasileiros: o emprêgo do azulejo não nos agrada, não acabamos gostando dêle. É algo de não simpático, sendo ao mesmo tempo simpático, o azulejo português dos séculos passados. Aquêles ladrilhos, embora pintados segundo um desenho de Portinari ou de Burle Marx nos parecem algo para "toilette"; pode ser devido à miséria do ladrilho, ao reflexo de vidro que sugere a latrina. Não sabemos. Seria necessário mudar o material, torná-lo mais nobre, levantar o seu destino. Ou seria necessário acabar com êstes pequenos pintores que reproduzem os desenhos com frio desprezimento, como aquêles, que no detestável azulejo, só instilam a falta de espírito.

## Alguém viu êste gobelin?

Foi roubado do Museu Municipal de Haia, durante a guerra.

Mede 3,00 x 3,50 metros. As cores principais são verde e azul. É uma tapeçaria do terceiro quarto do século XVI. Se alguém o viu, ou tem notícias, escreva a nós.





## Franco Brunetti

Um jovem desapareceu no mar entre duas ilhotas do mar Egeu. Franco Brunetti partira no mês de agosto rumo a Casablanca, do Marrocos chegara a Paris, e daí, tentado por um seu antigo sonho de infância, partiu para a Grécia. Muitas vezes Franco nos pedia detalhes sobre a "Ellade", sobre a paisagem, sobre as ruínas, e, mais que tudo, sobre aqueles mares muito claros que quebram suas ondas nos recifes que sustentam os templos, e isto já era para ele um viajar muito longe, um perder-se numa história e numa geografia de que não falam os mapas.

Sensível, gentil, fino, Franco Brunetti ainda não pensara em sua vida e parecia des preocupado, sem objetivos a alcançar. Mas para nós, que o tivemos como companheiro de trabalho no Museu de Arte, sua laboriosidade nos parecia como que preremptória, severa, irrevogável, sua gentileza de alma o mantinha sempre na mais perfeita linha, mesmo quando havia razão para protestos; uma educação pedante, talvez por demais formalista, o colocava em situação de superioridade com relação a todos. Tinha o dom do escrever: seu primeiro trabalho sobre a "Arlesienne" de Van Gogh é límpido e fresco. O tema o seduzia, o atraía. Ele gostava de todas as vidas diferentes, que trilhassem por caminhos invulgares, e quantas vezes pensamos que este seu último aproar nas ilhas "Elisee" tenha sido a conclusão de um destino misterioso e poético.



Franco Brunetti e amigos visitam o Santuário de Bom Jesus de Mattozinhos, em Congonhas do Campo, Minas.

## Alencastro?

Várias pessoas nos perguntaram: quem é Alencastro, o redator desta seção de olhos abertos. Alencastro é um simples cronista, bonachão, que não leva a sério as coisas da arte, que não usa palavras estrondosas relatando quanto acontece no campo dele: todavia não é um panegirista, e sendo-lhe permitido, mede o emprêgo dos adjetivos, julgando não ser ele o maior cronista do mundo. Alencastro pensa precisamente no mundo quando escreve e acha-se tão pequeno, o mais modesto cronista da terra. Mas se ele se parece com aquele peixinho que entra na boca da baleia, para lhe morder a língua, sem ser percebido pelo maior cetáceo do mundo, isto depende de razões de agilidade mental, o que não é merecimento dele, mas sim de Deus, que não o criou bacalhau, como tantas vezes acontece.

## Vox populi?

O "Diário da Noite" realizou um inquérito entre seus leitores para saber "Qual o arquiteto que projetou as mais belas casas na cidade?" A resposta foi: "Alfredo Ernesto Becker" com 30.148 votos.

## Jovens

Os jovens artistas, de geração para geração, tornam-se menos tímidos e menos de chapéu na mão. Quatro rabinos e consideram-se não só artistas, mas também autorizados para lucros, na imaginação deles, vultuosos.

Um jovem pintor produziu um quadro em poucas horas, e pediu cinco mil cruzeiros. Se, suponhamos, um engenheiro ou arquiteto, que fizeram estudos em anos e anos de sacrifícios, estudos em inúmeras matérias quais o pintor nem imagina, quiserem capitalizar seu tempo na medida do artista, teríamos então de pagar uma verdadeira fortuna por um trabalho de engenharia ou arquitetura. Aqui precisamente está a crise da pintura: no preço.

Se os pintores, os moços especialmente acabassem com a superavaliação de seus trabalhos, e comessem vender quadros a inúmeros pequenos profissionais, empregados, desejosos de decorar as casas com algo de contemporâneo, os negócios deles procederiam bem, mesmo no campo do cavalete.

E se, ainda os jovens pintores, calculando-se nada mais de operários de pincel — um

bom pintor vale quanto um sapateiro — tomassem mais parte na vida, participassem nas revoluções de problemas da arte de cada dia — ilustrações, cartazes, tipografia, embalagens etc. — como tornariam melhor suas vidas. Van Eyck pintava anúncios para drogarias: ele tem um lugar na história.

## Arco do triunfo

Muitos críticos queixaram-se por nossa nota sobre a exposição de Veneza, e publicaram artigos a fim de dizer que a participação brasileira em Veneza foi boa, até ótima, deslumbrante.

Feliz aquele que se contenta com pouco.



G. D. De Marchis, Cerâmica.

## Críticos

Um dia, iniciando alguém um trabalho para contribuir ao nível cultural de São Paulo, dois sujeitos uniram-se para escrever um artigo sobre um quadro, embebendo cada linha do espírito de porco, o que eles sabiam fazer. Esperamos agora de ver as pontes dos suspiros pintadas por eles, para cair na gargalhada.

## Método

Interessar-se pelas artes, pela história da arte, e da estética, ou pela crítica, começando pelas opiniões, pelos problemas mais difíceis, seria como se alguém, querendo estudar a matemática superior, deixasse de aprender a aritmética.

## Estética

Entre as mais indispensáveis iniciativas a ser tomadas, se queremos que no Brasil haja, daqui uma dezena de anos, um surto de interesse para os problemas da arte, é aquela de estabelecer uma cadeira de estética, sem falar quanto seria necessário começar pela cadeira da história da arte. Estes são os conhecimentos fundamentais da cultura, segundo o nosso modo de pensar.



## Fazzini

Esta estátua de São Sebastião foi executada há alguns anos, por um dos mais conhecidos escultores italianos, Péricle Fazzini de Roma, para um concurso organizado pela Municipalidade do Rio de Janeiro. A estátua, com muitas outras também de São Sebastião, chegou ao Brasil, e depois não se ouviu mais falar nela, e não se consegue saber onde está. Pois onde está?

## Portinari volta

Portinari voltou, depois de um ano passado na Europa. O novo pintor, italiano de origem, sente de vez em quando a saudade pela Europa: em parte porque é considerado nas praças de Paris e Veneza, mesmo se nas praças do Rio e de São Paulo os costumeiros mexeriqueiros, murmuram que Picasso não o quis receber. Notamos o caso, porque por muito simplório em matéria de arte, Picasso é uma espécie de Papa sem cuja benção não é possível viver em paz. Deixando de lado os estados de alma do "santo homem", que abandonou a cerâmica e as figuras traçadas no ar com o fogo aceso, o nosso Portinari fez muito bem de voltar entre nós.

## Massaguassú

A revista francesa "Arts" dedicou uma nota bibliográfica muito lisonjeira ao livro "Massaguassú" (paisagens e figuras pintadas por Roberto Sambonet). O mesmo deu-se com outras revistas estrangeiras. Os jornais brasileiros, pelo contrário, com a única exceção dum belo artigo de Menotti del Picchia, não deram menor atenção a um volume que, fazendo honra às edições brasileiras, honra o Brasil.



Ely Bueno, desenho (Domus)

## Paris 1900

Vários leitores nos escreveram perguntando ao que se referia um clichê representando uma galeria de estátuas, que acompanhava o artigo "Função social dos Museus" (Habitat N. 1, pag. 17). Trata-



Péricle Fazzini, São Sebastião

se dum dos salões da Exposição Universal de Paris de 1900. O leitor que achou esta sala bonita e espaçosa tem razão; não tem razão, pelo contrário, aquele que a achou "fria". A sala deve ser interpretada como expressão da época, em que foi construída.

## Cinema

Teremos uma grande cinematografia brasileira? Com certeza a teremos, porém à uma condição: que não se fale em grande cinematografia, mas sim em cinematografia que está em início, que está fazendo os primeiros e difíceis passos. Só assim, com a modéstia, com o emprêgo de pequenos adjetivos, com a humildade do principiante, vai-se proceder bem. No momento, de exímio há Alberto Cavalcanti, mas isto não basta.

## Traduções

Quase todos os romances, às vezes até os mediocres, estão sendo traduzidos para o português, sem falar nos livros de "sucesso mundial", que assim sendo, têm pouco interesse geral, são só produtos de crônica.

As traduções porém dos livros de arte são muito mais raras, quase não existem. Depois da tradução da História da Arte de Sheldon Cheney empreendimento heróico da época das edições da benemérita Livraria Martins, e a tradução de "Aprenda a ver" do

Marangoni para a "Ipê", veio o silêncio. O interesse para as traduções dos livros de arte é ainda escasso, mas é pelo contrário um dos elementos básicos para a divulgação do bom gosto. Geralmente ao propor uma destas traduções ao editor, pensa ele que só romances têm mais saída. A pouca confiança no leitor de assunto de arte é muito marcada; para formar todavia este leitor e abrir o caminho, para um campo de grandes lucros para as casas editoras, é necessário fazer alguns sacrifícios iniciais. A vida não é só feita de contas no banco e de Cadillac novas.

## Não inteligibilidade

Julien Benda declara que o culpado pela "não-inteligibilidade" da arte contemporânea é o público, que, ao que parece, encontrando-se na presença de certas manifestações, diz: "Não compreendemos, e isto nos acontece porque não somos suficientemente inteligentes." Em lugar de dizer: "Somos suficientemente inteligentes para compreender, quando foreis compreensíveis. Se nos vos entendemos, quer dizer que não os sois". Mas como há público e público, Benda adverte que não alude, digamos ao leitor que não atinge além de Vigny ou de Hugo, mas sim ao leitor que aprecia Rimbaud, Mallarmé, Apollinaire, Valéry. Na pintura contemporânea está acontecendo a mesma

coisa. Espíritos de cultura que gostam de Cézanne, Rouault, Matisse, Braque, declaram-se sem preparo para entender Kandinsky, Miro, Brancusi. E na música Stravinsky parece ser o ponto máximo do alcance, o limite para a compreensão.

Segundo Benda, portanto, os artistas cuja produção não é compreensível ao público, que não tem a função de catártide, são uns mágicos que aproveitam bastante da declaração de "não alcançar" feita pelos espectadores, para estabelecer um pequeno reinado de submissão sobre assistência que se declara ignorante.

O público é responsável de toda maneira, porque não reage contra a não-compreensibilidade, e ainda mais, demonstra um grande pavor de passar por mal informado, por atrasado. Benda ainda fala: "Eu queria que os inimigos da não-inteligibilidade não estivessem satisfeitos com meros protestos isolados, mas organizassem uma ação, estabelecessem clubes, ligas, jornais, revistas, conferências, e outras armas apontadas contra o mesmo inimigo, para criar o snobismo da clareza. E qual o propósito? reconhecer o esoterismo digno da atenção, e rejeitar definitivamente o outro, aquele falso.

Benda é um ingênuo, seria um general incapaz: para conquistar uma posição fácil quer ele empregar no lugar duma patrulha, um regimento, aliás até um exército.

Nós temos no Museu de Arte um número de quadros e esculturas de "não-inteligíveis". Estas obras estão expostas juntamente às antigas, e isso para proporcionar a sensação de espaço e tempo, de universalidade, de "não-separação" na arte. O público chega, e nós o espiamos, e como é nosso dever, o consultamos e discutimos. Os tímidos mencionados por Benda, nunca os encontramos, o público, pelo contrário se revolta contra a "não-inteligibilidade" da arte, moderna, e o faz dum modo, que na verdade, às vezes passa os limites estabelecidos pela educação.

Caro Benda, pelo amor de Deus, não organize um exército de simplórios, não preste atenção à ignorância e à arrogância. Criamos pelo contrário uma liga, para instituir outra forma de snobismo, o snobismo da compreensão da arte contemporânea.

## Niemayer

Stamo Papadaki dedicou um livro ao trabalho de Oscar Niemayer. É uma linda monografia rica em notas e fotografias. No letrado do Ministério de Educação e Saúde, Le Corbusier é mencionado como "arquiteto consultante" (architectural consultant) o que está em contradição com a inscrição na entrada do Ministério: "risco de Le Corbusier". Seria necessário esclarecer uma vez por todas este equívoco. Quem fez o projeto do Ministério?



## Flavio

A decoração de uma sala de baile é as vezes um pretexto para originar um pouco de arte. Isto porém só à condição do decorador ser um artista. Naturalmente na maioria dos casos são os fracos em arte, os diletantes aproximativos, enfadonhos não tanto pela incapacidade, mas sim pela presunção, que massacram o bom gosto, até o mais modesto. Quando pois, no lugar dum artista, bradam vários, então o mau gosto torna-se proverbial. O Clube dos Artistas, reiniciando o belo hábito do "Spam", também este ano quis celebrar o Carnaval, e desta vez a escolha do artista foi muito feliz: Flavio de Carvalho. Esta é a primeira vez que temos a oportunidade de falar em "Habitat", de Flavio. Ele é um verdadeiro artista, extravagante, como um artista, seu sangue é porém de raça. Pode ser demais exuberante, demais perturbador, mas o Brasil não tem em sua breve história da arte um desenhista outro tanto expressivo, incisivo, individual. Os demais desenhistas são de temperamento diferente, de espírito, digamos, moderado e racionado. Flavio é impulso e fogo, e precisa dizer, não é burocracia e contabilidade de linhas. Não falamos no pintor, isto será para outra vez. O desenhista Flavio de Carvalho é o tumulto dum temperamento excêntrico, devaneador de plásticas desconhecidas, extrairas e encavadas na mais pura e verdadeira maneira deste exercício, que é arremessar linhas para narrar estados de alma. Flavio, na decoração para o baile no "Prato de Ouro", tomou um dos seus queridos esforços, uma das suas inteligentes vinganças contra o espírito burguês, contra o homem de borracha, que todas as vezes que chega no meio de nossos pés, leva um pontapé, e sendo de borracha, dá uma cambalhota e volta entre nós. Flavio realizou uma polêmica contra o "gosto deslumbrante" das senhoras, que entregam às cortinas caídas no chão, aos alabastres e às pinturas de crepúsculos, a decoração de seus salões. Não é possível descrever a maneira como Flavio decorou a sala. Mas muitos a viram.

## Decoração

Com esta palavra maltrata-se uma das mais sérias responsabilidades de hoje: o arranjo interno da casa, a formação do "habitat", no verdadeiro sentido da palavra, onde os homens se desenvolvem, onde formam-se suas mentalidades, onde eles se preparam para trabalhar, para pensar, e ah! para fazer as guerras. Esta palavra desventurada, (que logo nós substituímos por "arquitetura interna") apropriase especialmente às senhoras e cavalheiros distintos, que a ela se dedicam, nos momentos livres entre um coquetel e um jogo. Os arquitetos modernos,

os intransigentes, dizíamos, aqueles que trabalham em silêncio e vêm na nova arquitetura o caminho à decência e à salvação para a humanidade, estes arquitetos pois, deveriam ser retratados como alguns santos antigos, de couraça e espada flamejante; a espada para combater a vasta multidão de incompetentes e ignorantes que avança com falsos cristais, falsos ouros, pernas retorcidas de cão ou leão, cortinas de cetim e de tafetá, franjas e adejos, mouros e mourinhos, estuques e estuquesinhos, armas e lustres de verdadeiro ou falso Baccarat, com os acolchoados, os estofos, os matelassés, as porcelanas (especialmente as porcelanas) os cordões, a cor verde de amêndoa, cor de rosa de sorvete, branco de açúcar, azul, roxo, os ponpons, sobretudo os ponpons. Clarificamos: a multidão não é formada pelo público (queríamos dizer povo), mas pelos "decoradores" e "decoradoras", pessoas que discutem horas a fio sobre os estilos "francês", "provençal", "rústico", deslumbrante e assim sem fim. Senhoras de grande elegância, especializadas em mouros de papelão que sustentam lâmpoões, ladeando os divãs on-

dulados de franjas vistosas. O público vê e muitas vezes acredita, pela tendência própria do homem de seguir os baixos e em aparência estimulantes instintos, quando não há uma firme convicção profundamente enraizada para combatê-los. Esta convicção nós a temos; somos sinceramente persuadidos uma cadeira de taboca ser mais moral e importante dum divã de franjas, de estilo "francês". Na exposição da cadeira organizada o ano passado, colocamos ao lado duma fotografia dum homem sentado sobre uma pedra, aquela duma senhora numa cadeira toda enfeitada, de proporções erradas, mais apropriada para um elefante que para um homem. Queremos ser claros: respeitamos profundamente as coisas antigas, as verdadeiras, e as conservamos também em nossa casa, mas como reliquias, e de vez em quando as fechamos no armário. Mas, profanar uma época com imposições de cacarecos de estuque e papelão, é desconhecer o progresso trabalhoso, dolorido da humanidade, e por um avanço de um centímetro quadrado, a Incompetência, o Diletantismo, e a Ignorância, fazem-a recuar de quilôme-

tros. O Brasil há uma matéria prima, o público, de primeira ordem, ainda não estragada; é dever dos arquitetos competentes defendê-la, combater o diletantismo, formando no público uma convicção firme para poder selecionar.



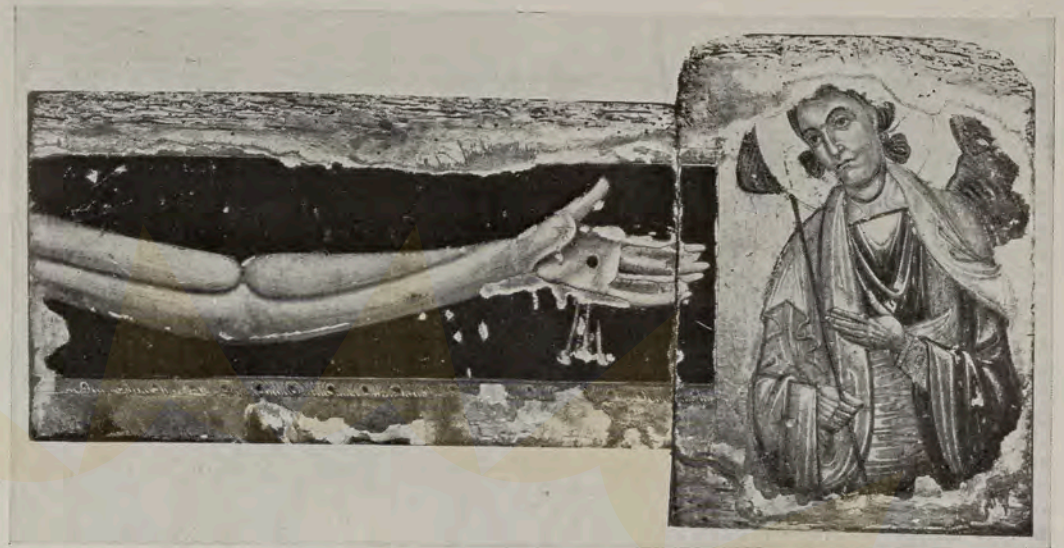
*Primum vivere; depois, meus caros meninos, iremos ao Museu.*

## Ouvimos

...Queriam um divã estilo francês, com pernas de leão... douradas... as franjas... os mouros... a fachada da casa é estilo... estilo... estilo rico de cornijas, estátuas, mármore e colunas.

## Murais

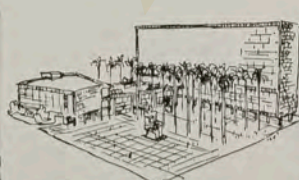
Lemos nos jornais que será realizado no Brasil um painel mural, de tamanho ainda maior daquele de Dufy (Exposição Internacional de Paris, 1937, m2 602), dizendo que será o "maior do mundo". Algo difícil, depois dos murais de Giotto, Lorenzetti, Pièr della Francesca, Michelangelo, e muitos outros.



*Em 1946, um amador de arte estrangeiro, observando a espantosa pobreza em matéria de primitivos no Museu Nacional de Belas Artes doou àquêle Instituto este fragmento de uma cruz pisana do século XIII, atribuída a Giunta Pisano. Trata-se de um fragmento notável da primeira pintura italiana, para não dizer de toda a pintura. A peça, classificada nas publicações americanas como propriedade do Museu do Rio, não está exposta, apesar ser a obra mais importante em poder do Museu. Seria necessário saber onde foi este precioso cimélio, e por qual razão os museógrafos, que organizaram as salas do M.N.B.A. encontrando lugar para quadrinhos sem o menor interesse, não consideraram uma das poucas peças de verdadeiro interesse histórico.*



*Pavillon Suisse, Le Corbusier, 1932*



*Second Scheme by Le Corbusier, Rio Ministry of Education & Health, August 1936*



*Plan Fountain by Le Corbusier, 1922*

*Eis como o "Architétural Forum" (novembro de 1950) julga os precedentes do Palácio da O.N.U. em New York.*



## Aventura?

Parece incrível, mas querem construir a nova sede da Universidade em "estilo nacional brasileiro", e deixar bem afastada a aventura da arquitetura moderna. Isto lê-se num jornal local, que reflete muito bem as idéias acanhadas daquêle exército sórdido para com a contemporaneidade, e que quer, com o estilo assim-chamado "tradicional" da nova Universidade, legar "uma lição permanente de civismo e de brasilidade". E ainda o jornal acrescenta: "Qualquer transigência neste sentido é um ato de insensibilidade que merece o nosso mais profundo desprezo." Aqui, nós estamos, para cubrir-nos de tão grande desprezo, para fazer dêle, antes, um belíssimo vestido para as festas; e para dizer de modo explícito, que lendo estas palavras não sabemos se nos segurar pelas risadas ou se chorar pelo desespero, constatando que cada dia se recua de um passo.

Construir hoje, não digamos uma universidade, mas até uma simples casinha para cachorro, num estilo que não seja expressão de nosso tempo, nos parece tanta estupidez, que seria supérfluo discutir. As universidades, mais de qualquer outra espécie de edifícios, hão de ser construídas com a mais viva compreensão do espírito e da moral contemporânea. Construir segundo a tradição, dizem, porque a arte de hoje é uma aventura; mas qual tradição? São Paulo não tem arquitetura tradicional, não se conhecem os "monumentos" onde se inspirar, a não ser as aventuras arquitetônicas da Catedral, do Palácio da Justiça, etc., para não falar no edifício da Faculdade de Direito, que não é texto em nenhum compêndio de estilos, porque derivação daquêle hibridismo à espera das exequias merecidas. Mas se São Paulo não tem tradição de arquitetura, a tradição da nova arquitetura foi criada pelo Brasil com o Ministério de Educação e Saúde, que levantou nosso querido País, para o primeiro plano da construção de hoje.

Há portanto uma tradição, embora trazida por Le Corbusier (Bernini desenhava para os reis da França, assim como Rastrelli, Quarenghi e Rossi desenhavam para Catarina de Rússia, e Niemayer desenha para os Americanos do Norte; estas trocas em arquitetura não constituem ofensa aos nacionalismos; a arquitetura é uma arte especial, que transmigra; e por outro lado se assim não fôsse, a que ponto estaria hoje a arquitetura brasileira?), e por que não partimos desta arquitetura, que é a única, legítima, verdadeira?

O imprudente jornal até acrescenta: "Os problemas técnicos das edificações escolares não são de hoje. Há séculos existem Universidades e não se tem notícia de que



*Este altar, um altar nobre, pois encontrava-se na Sé Primacial da Bahia, até aquela Cúria não teve a péssima idéia de demolir a catedral, ao que parece, para dar passagem às linhas de bonde. Os pedaços estão em uma ou duas casas de São Paulo, servindo de misula, de frontão de chaminé, de abat-jour etc. Tivemos a oportunidade de ver os pedaços e conseguimos reconstruí-los, pelo menos, num desenho. Pedimos agora, com todo entusiasmo, ser este belíssimo altar reconstruído e confiado a um museu.*

os trabalhos nelas realizados sejam peados porque foram erguidas sob uma determinada inspiração artística." Mas até uma criança pensaria em perguntar se a sala de anatomia de Aldrovandi, poderia ser utilizada hoje, depois das conquistas científicas, ou melhor, se seria possível instalar um grande aparelho atômico na sala, belíssima aliás, da "Sapiência".

Mas, dizemos mais: pode encher de entusiasmo estudar numa universidade de muros antigos, nos parece porém menos animador estudar numa universidade de falsos muros antigos, de muros camuflados sob estilos do passado. E fossem pelo menos estilos, porque na infelicidade estilística do Oitocentos e do começo do Novecentos, a arquitetura cha-

cinou as leis, as desconheceu, desconhecendo o espírito, o sentimento. Foi o tempo da arquitetura a banquete, do triunfo do cal e estuque decorativos, tempo ingrato, como podemos verificar pelos resultados que publicamos mais adiante." Se a Universidade pretende ser a mais alta expressão de nossa cultura, é mister que evitemos, na construção da cidade universitária, o caminho perigoso e incerto da aventura, e nos aproximemos, com o coração humilde, mas cheio de fé, das fontes vivas de nossa tradição. Só desta forma legaremos às gerações vindouras um monumento que, na confusão do momento que vivemos, representará uma lição de firmeza e de confiança nos destinos da nacionalidade."

Bonitas palavras, mas totalmente erradas, porque "o caminho perigoso e incerto da aventura", da arquitetura nova é o único caminho para percorrer, pretendendo construir uma universidade viva, capaz de futuro. Nem as universidades antigas, aquelas seculares da Europa, quando se reconstróem, escolhem estilos do passado — embora poderiam fazê-lo, porque a tradição de Bolonha, Nápoles ou Milão, é algo historicamente positivo, e não cronisticamente reflexo; e porque se quer então num país novo, já famoso pela nova arquitetura, um país que tem o orgulho de ver convidado um seu arquiteto entre os quatro construtores do edifício da ONU, um país que ficará famoso em arte, porque então, se quer no Brasil, erguer uma nova universidade em estilo indefinido e equivoco, não conseguimos entendê-lo. Se vê que o conselho daquela universidade, onde infelizmente não há cadeiras de estética e de história de arte, não ponderou bem, ou seriamente.

## Modas

As casas de modas, as grandes lojas que pretendem estar na vanguarda da moda, estão, pelo contrário, piorando o gosto das suas instalações. Uma destas, de recente, inaugurou uma loja, onde, no campo do mau gosto, não faltava nada. Um apreciador, passando por lá no dia da inauguração, e vendo tantas cestas de flores fora do prédio, respondeu a uma pessoa que tinha-lhe perguntado, se alguém tivesse falecido: "Sim, o bom gosto".

## Imitação

Qual o número dos pobres de espírito que com ânsia esperam ser imitados pelos outros? Há muitos sem dúvida e são enfadonhos, e o pior para estes pobres homens — copistas, macacos, imitadores, plagiários, mimicos, ladrões de idéias — é quando pretendem sair da condição dêles — pobres homens, dissemos — para se embelezar com as plumas arrancadas cá e lá, às escondidas.

## 2 gatos pingados

Raras vezes houve em São Paulo um ciclo de conferências como aquelas do prof. Jorge Romero Brest, da Universidade de Montevideu. O pequeno auditório do Museu, reuniu nas cinco conferências as costumeiras cinquenta pessoas, que é quanto se alcança na cidade, para um assunto de arte contemporânea. Extenso é ainda o caminho a fazer, para melhorar a relação entre os 2 milhões de habitantes e os 2 gatos pingados que acompanham a vida das artes.



## Vitrinas

Para avaliar a situação do gosto das vitrinas, teria sido suficiente ver as decorações do mês de dezembro: neve feita de algodão, estrelas de papel prateado, galinhos de pinheiro, papais Noel; uma profusão de decorações de gosto nem sequer provincial, porque a província apresenta sempre algo de ingênuo e ignorante, que salva tudo. Mas quantos são os vitrinistas da cidade? Vitrinista torna-se, e às vezes torna-se por acaso, sem uma escola, sem uma capacidade para o desenho, sem frequentar aqueles cursos que os diletantes às vezes organizam, para receber algumas quotas. Observamos de recente em Nova York uma bela ocorrência para a estética da cidade, a eficiência estética das vitrinas, a vontade de atrair a atenção do público, a infinidade de novas idéias, trabalho feito todo por artistas, estetas, ideadores: tivemos muita curiosidade e perguntamos donde vinha tanto bom gosto e tanto inteligente fervor. Responderam-nos, que na maioria, os vitrinistas de Nova York são de origem suíça, dum país pois que tem muita experiência no campo da estética. Temos que louvar a iniciativa de um grande país qual os Estados Unidos que ao perceber o valor de um especialista estrangeiro, recebem-o e convidam-o com a maior cordialidade. Assistimos a um episódio significativo: viajando para lá um inteligente gráfico italiano, Erberto Carboni, foi-lhe oferecido, na hora do desembarque, de fazer a capa de *Fortune* (número de outubro 1950). Os americanos têm uma verdadeira civilização artística, porque sabem dar valor à capacidade estrangeira: por isso um Messinger, um Grosz, um Beckmann, têm em Nova York, escolas muito concorridas. Mas voltando ao assunto das vitrinas, não entendemos por qual razão Sears, Mesbla, Singer e outros, não empreguem vitrinistas de fóra, para não mencionarmos o fato que a Elna apresenta sempre obras primas de desenho industrial, em vitrinas tão modestas de dar um apêto ao coração. Então, comerciantes, grandes e pequenos, que estais enriquecendo, porque não nos ofereceis vitrinas que não invoquem vingança?

## A côr da arquitetura

Alguns edifícios, especialmente públicos, são de vez em quando pintados de novo, e na maioria dos casos de uma côr cinzenta, um pouco carregada, de tom não definido: cinzento para os plintos, os capitéis, os ornatos, as paredes. A côr dum edifício, ainda mais dum edifício público, não é matéria para a administração comum nem um negócio para firmas de coloristas: é matéria para artistas, desde o urbanista até o arquiteto, do

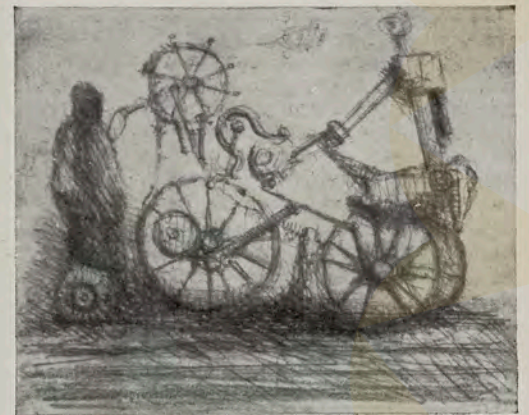
decorador ao pintor, do crítico ao cultor da arte. A harmonia duma cidade pois, é a expressão do gosto e da elegância dos artistas da mesma. A côr da arquitetura não pode ser determinada por um chefe de turma de caiadores: nasce da côr dos diversos materiais empregados, que é aquela do elemento sobre o qual o tempo exerce sua ação embelezadora, e estende a nobreza do antigo, na medida que escorre. A arquitetura deve ser, pois, também a expressão dos materiais. Niemayer e seus colegas, no Ministério de Educação e Saúde, demonstraram claramente o que significa cometer a côr da arquitetura ao caráter na-

tural dos materiais: vidros, azulejos, mármore e partes pintadas; mas pintadas com consideração estética, com o cálculo de conseguir harmonia. Isto vemos em inúmeros edifícios no Rio. Em alguns edifícios, pelo contrário, até as estatuetas de anjinhos, são da mesma côr das cúpulas e das hastes das bandeiras: é evidente que os encarregados desta confusão colorida não se preocuparam muito antes de dar uma face nova aos edifícios tradicionais, cuja arquitetura mesmo se do tempo quando o "culturalismo" andava restando a expressão, com certeza, surgiu dum côr diferente, ou se foi desta, deveria pelo menos ter sofrido

do a transformação imprimeida pelo tempo. Hoje, uma pincelada de tinta, como usada para um caixote ou um barco, rebaixa a arquitetura dum palácio e tira-lhe, num gesto arbitrário, o sentido de vetustez, que nós tanto gostamos e admiramos por motivos superiores de recordações e de história, no sentido latino de tradição. A mania de repintar, de passar de novo, este eterno abuso do limpador de manchas, e de tinturarias é apropriado para roupas, para postes de telefone; mas pensamos que não é conveniente para os edifícios públicos. E quando repintam de improviso uma das belas igrejas barrocas?



Otto Pankok



O Museu de Arte mostrou em dezembro do ano passado uma seleção de obras gráficas da escola de Duesseldorf na Rhenania, lugar que tem uma tradição certa, já pela sua situação na fronteira ocidental deste país, tendo estado assim muito ligado antigamente com a Holanda e no século passado com a França num intercâmbio artístico bem vivo. Isso se reflete nas técnicas cultivadas dos artistas desta cidade. Gostamos muito das xilogravuras de Otto Pankok, que reúne na sua arte a côr local à força criativa do expressionismo alemão; por outro lado, apreciamos também as águas-fortes surrealistas de Otto Coester. Deste autor à direita em baixo: Carro de música.



## Floreal

Repercutiu favoravelmente a idéia de transformar a casa em estilo início do século, da Rua Marquês de Itú, num Museu floreal; falou-se do assunto com um eminente cultor de história brasileira, o sr. João de Almeida Prado, em cuja casa realizam-se as únicas reuniões intelectuais.

A idéia foi achada magnífica, ninguém porém a considerou do ponto de vista prático. João comentou, teria melhor êxito a idéia de propor a transformação de cédulas de 1000 cruzeiros em outras de 1010.

## Rivera, Siqueiros

Duas obras, uma de Diego Rivera e a outra de Alvaro Siqueiros, estão sendo aprontadas no México, para o Brasil, mais exatamente, para a entrada do prédio "Guilherme Guinle" dos Diários Associados, que é ao mesmo tempo a entrada para o Museu de Arte.

Os painéis medirão 5 metros por 3. Outros dois serão encomendados a grandes artistas estrangeiros; esta será uma momentosa realização de arte moderna.

## Problemas a resolver

Um problema a resolver é o da cenografia. Francamente, vemos cenografias retrogradadas, fora do gosto atual, futuristas mas sem um sentido de futuro. O que deve ser dito é que um bom cenógrafo, como Aldo Calvo, deixou agora o teatro para abrir um escritório de publicidade, fazendo minguar mais ainda as já minguadas fileiras dos que se dedicam a esta arte difícil.

## Documentários

Entretanto, chegam ao Cinema os documentários, que, na maior parte dos casos são feitos sobre assuntos esportivos. Certa vez, porém, eis que se apresenta um trecho de artes plásticas, e infalivelmente se trata de um dos pintores que expõem nos "foyers" dos Teatros Municipais.



Maravilhoso exemplar de móvel caipira, encontrado numa praça de Caraguatatuba: quatro pedaços de árvore, cinco tábuas pregadas. E pensar que ninguém repara na genialidade destes arquitetos populares.



*Estes cavalos de asas e de pés de palmipede, estas nereidas, estas conchas, etc. Por que? Para sustentar um lampeão, na praia de Santos.*

## Desenho industrial

Está se fazendo em São Paulo uma experiência de um certo interesse para o assim chamado desenho industrial, termo aliás errado para a indicação do gosto e da contemporaneidade da forma dos produtos manufaturados e fabricados em série. A experiência tem como centro o Museu de Arte, e mais especificamente o Instituto de Arte Contemporânea, escola experimental onde 25 alunos frequentam cursos de desenho, de estudo dos materiais, técnicos, a fim de formar uma mentalidade, ou melhor, uma paixão racionalizada para a forma. Estes alunos, embora procedentes de escolas de arte ou arquitetura, recomeçam ex-novo, devem esquecer quanto aprenderam e considerá-lo como experiência negativa; isto porquê, na maioria dos casos o ensino teve seus epicentros nas imitações de modelos antigos, no culto dos professores que desconhecem os novos mestres. Uma escola de desenho industrial que está em início, não pode prescindir da realidade do Bauhaus e do afamado Instituto de Chicago, para mencionar só dois fatores decisivos. Temos certeza do resultado deste Instituto ser grande benefício numa cidade onde há viva ansiedade para iniciar um novo ciclo de história artística.

## Atrás da fachada

Foi formada uma comissão para premiar a mais bela fachada dos edifícios de São Paulo. Mas não há já trinta anos que se luta para uma arquitetura onde a fachada não tenha importância, ou pelo menos não tenha a importância de outrora? Queríamos ver que casa saberia fazer um arquiteto por trás do formalismo da fachada.

## História

Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo o ensino da história da arquitetura consta no programa de um ano somente, mais ainda, no programa do último ano. A história é sempre mais desprezada, mais posta de lado, aturada como se atura uma madastra. As consequências podem-se prever.

## Estrela dum dia

Muitas vezes aparece uma estrela e, um pouco pela luz própria e outro pouco pela luz refletida, brilha até cegar mais do próprio Cruzeiro do Sul. Passa o tempo e a estrela deixa de cegar e fica tricotando pelo resto da vida.

## Documentários

São os documentários do cinema que se deve melhorar. Principalmente os temas. Vamos ao cinema e somos obrigados assistir à banquetes de gente, comendo com poucas boas maneiras, e dando risadinhas artificiais, pessoas discursando etc. todos acontecimentos de interesse só para os protagonistas, mas não para o público. E a mais: companhias de documentários, comprai umas lâmpadas: não se pode fotografar sem luz.



No afamado Baile do Arrabalde, realizado no ano passado no Círculo dos Artistas, brilharam dois pretos, de uma simpatia incrível. Naquele tempo, os repórteres de revistas dedicadas à "sociedade", não tiraram fotografias desse par; e nós queremos agora lembrar o mais memorável acontecimento daqueles dançarinos excepcionais, que infelizmente sumiram. Eis os amigos Sabú e Olga.

## Secção de arte

Na secção de arte da Biblioteca Municipal, há todos os livros, livrinhos, microscópicos livretes sobre, digamos, Picasso, e isto não é um inconveniente. Entretanto, querendo um estudioso fazer uma

pesquisa sobre, digamos, Simone Martini, não tem ele à disposição aqueles cinco compêndios de história de arte, que são a base de toda biblioteca de dileitante, e não falamos em diletantes, no sentido com o qual Lessing apontava para esta categoria de amadores das artes.

## Teatro

Assistimos à uma representação do Primeiro Teatro Folclórico Brasileiro, e atrás de nós, estava um conhecedor, daqueles que pensam saber tudo, em matéria de teatro, folclore, Brasil. O tal dizia: — "Mas isto não é folclore, isto nada tem em comum com o Brasil, é uma palhaçada etc." — Opinião negativa, portanto. Nós viramos e falamos: — "Parece que o Senhor está enganado." — E o conhecedor replicou: — "Como pretende que um estrangeiro (o criador e animador deste teatro é polonês) consiga entender o espírito, as artes, as cousas brasileiras?" — Objetamos que o brasileiro Alberto Cavalcanti conseguiu entender o espírito francês e inglês, como um cineasta daqueles países; que o brasileiro Mario da Silva conseguiu muitíssimo bem entender o teatro e a literatura italiana, até ser considerado em Roma um dos melhores críticos; que o brasileiro Dioclecio Redig de Campos compreendeu a Renascença italiana, melhor dum italiano, etc. Nem aos brasileiros fora do país, nem aos estrangeiros no Brasil, sempre que não sejam uns incompetentes, é negado sair bem e ter sucesso, num campo qualquer. E o polonês Askani, teve um grande sucesso no campo do teatro folclórico.

## Brasil

Muitas pessoas implicam com os "estrangeiros" e com os filhos de emigrantes, por uma ou outra razão. No campo da arte, mais que nunca. Há algum tempo, liam-se até numa revista palavras graves. A recente campanha para a salvação da tradição "lusitana"



A última novidade no campo das assim chamadas "apliques" de iluminação é agora, em São Paulo, o uso do cachimbo. Por outro lado, por coerência, está para ser lançada a moda de fumar lâmpadas elétricas.





*Banco de cultura Tupi, dos índios Emerenhem, de uma região do alto Rio Oiapoque, no Território Federal do Amapá. Representa o Urubú Rei (Saracaramphus papa), animal totêmico do pagé que usa o citado banco. O pagé durante seus trabalhos xamanísticos, senta no banco tendo o poente pela frente, nascente pelas costas e lateralmente Norte e Sul. O banco representa conforme se vê um Urubú Rei com duas cabeças que guardarão norte e sul. No momento de transe, o espírito do pagé desprende-se do corpo e vaga no espaço tomando a forma do animal totêmico do pagé, então o mesmo animal, neste caso o Urubú Rei que se acha representado no banco, exerce a vigilância sobre o corpo do pagé, não deixando que de norte ou de sul, se aproxime qualquer espírito maléfico de elemento humano ou animal. Estando o pagé com a frente para o poente, daí nada poderia vir, como também nada virá do nascente, pois desse ponto nada vem de maléfico. Pesquisa de Roberto Maia.*

da Universidade, etc., e os dardos contra o "modernismo importado", são uma demonstração de certas disposições, segundo nossa opinião, erradas. Mas eis o Sr. Assis Chateaubriand observar num artigo dos "Diários Associados": "Muitos bobos pensam que só devem ser considerados cidadãos brasileiros autênticos, os descendentes do ramo português, ou lusitano com aborígene. Se assim fosse, jamais poderíamos ocupar o imenso território do Brasil. É tão brasileiro um neto de português, como tamóio ou bororó, quanto um teuto-brasileiro do Vale do Itajaí ou um polonês brasileiro do planalto curitibano, ou um nipo-paulista do Vale da Ribeira ou da barranca do baixo Tietê", para concluir neste claro artigo, que pensando exageradamente nos "400 anos" e em prioridade de estirpe ou casta, "será o caso de fechar os portos do Brasil às correntes imigratórias, e dizer

com os tamóios, os aimorés e os capichabas: "isto aqui é somente nosso".

### Fantasiais musicais

O Carnaval é a mina de ouro de nossos compositores populares. Ao se aproximar o fim do ano, todos os anos, a turma pega a caixa de fósforos, zabumba um ritmo de samba ou de marcha, inventa uma letra qualquer e assobia uma melodia, que um cavalheiro anônimo, nas casas editoras, transformará em notas escritas na pauta. E, aí, é só esperar a chuva dos direitos autorais a cair, como Júpiter no regaço de Dánae, no bôlso de cada qual. Tudo isso gera movimento e muita animação. Chega gente de fora para apreciar o espetáculo. As Autoridades distribuem prêmios. A Atlântida faz logo algum ignominioso filme musical.

O diabo é que, no fim, quando a famosa marcha ou o popularíssimo samba saem à rua, a gente se surpreende, em demasiados casos, topando com algum velho conhecido: é "O sole mio" para cá, "La vie en rose" para lá, músicas italianas, francesas, mexicanas, cubanas, norte-americanas (até Puccini, Verdi e Tschalkowski já foram postos a saque!) todas metidas em fantasias baratas para fazerem número no caldeirão carnavalesco e tôdas, mais ou menos, encabuladíssimas de não disporem sequer de máscaras para um modesto disfarce. O fenômeno vem se acentuando de modo alarmante nos últimos anos. Dir-se-ia que, à míngua de inspiração, nossos sambistas optaram pela erudição, se tornaram ra'os de biblioteca, fazem questão de exibir cultura. E acontece que suas pretensões, de que

a música transponha as fronteiras e vá deliciar o resto do mundo, encontram lá fora caras amarradas, quando não suscitam a gritaria das vítimas: "Pega! Pega! Fui roubado de quatro, de cinco, de seis compassos! Chamem a polícia!"

Nossas sociedades de compositores bem que poderiam tomar alguma providência a respeito. Por exemplo: que tal se uma boa parte dos direitos produzidos pilhando-se o alheio, se destinar a indenizar os lesados? Talvez assim os músicos de Carnaval co-



*Manequim de pintor em repouso, que está meditando quanto tempo o seu dono perde, com a paleta e as côres.*

meçassem a achar pouco interessante a preguiça mental e se decidissem a puxar pelo bestunto, ginástica certamente incômoda mas saudável, quer para eles próprios, quer para a música popular brasileira, que no passado, nunca precisou nem no Carnaval, de plagiar ninguém.

### Unicôrnio

As resenhas de poesia deveriam sempre ser pequenas, muito pequenas, para compor dentro delas poucos poemas, dignos da Musa que preside esta arte tão difícil de colocar algumas palavras em fila, com o coração na mão. Apontamos portanto aos exércitos da poesia a iniciativa de "Unicôrnio", resenha de poesia publicada em La Plata, a cargo de Marcos Fingerit (Calle 116, N.º 1418) uma minúscula resenha, com poesia dentre as páginas, bem composta.

### O carangueijo

Para ter uma idéia de como avança o carangueijo da arte, é mister entrar no cine Marrocos e ver a decoração. Acreditávamos que os "Salon des Arts Decoratives" de 1925 e os demais já eram história; mas não, são leis para os que constroem cinemas, leis naturalmente respeitadas segundo o estilo das sonatinhas à ouvidos. E isto tudo não será uma voz no deserto Marroquim, pois o público adora — por causa dos impingidores do mau gosto — o mau gosto.

### Gravatas

Um dia, um cavalheiro vai comprar uma gravata: "Como a deseja?" — pede o vendedor. "Não sei, mostre-me algumas". Começa aí a pôr-se em movimento todo o seu aparato estético, o processo de elaboração se forma, e em pouco a escolha recai sobre uma bonita gravata importada dos Estados Unidos. É por isso que no Brasil também se começa a ver o espetáculo da morte da seriedade e composição nos trajes masculinos, mudança esta iniciada pelos norte-americanos, há alguns anos. É comum ver-se um senhor de grandes responsabilidades, levando, pintadas sobre a camisa uma rã, duas bailarinas, ou uma cascavel, um relógio, um automóvel, etc. O homem, em matéria de futilidade, está levando a melhor sobre a mulher; e este é um problema grave. O homem norte-americano está modificando seu traje, e começa pela gravata. Defendamo-nos.

### Le C. au Brésil

Le Corbusier entregou ao Sr. P. M. Bardi todos os seus desenhos, manuscritos, notas e conferências, realizadas no Brasil, com a finalidade de escrever um livro com o título "Le Corbusier au Brésil". Deverá este livro ser baseado sobre documentos, a fim de estabelecer o que o homem da "machine-à-habiter" fez aqui.



*Esta bela casa do arquiteto Abelardo de Souza, na Estrada de Santo Amaro, foi transformada no ano passado, em casino de jogo; entretanto, os donos não se contentaram com o ótimo negócio, e transformaram a arquitetura de maneira horrível; mas com que direito?*





*Uma senhora, uma das tantas que usam chapéus repletos de papagaios e de cenouras, queria comprar este belo tabernáculo; para fazer o que? Um movel para bar.*

*Dizem que a arte não serve para nada. Mas este fazendeiro de café, com o raminho de café na casa do paletó, vive no tempo, embora no porão dum trapeiro, e somente porque um escultor o fixou no mármore.*



## Veneza

No jornal "A Manhã" foi comentada uma nota de Alencastro, e como envolvia quem estava fóra do argumento, o Sr. P. M. Bardi mandou ao autor do artigo, o pintor Santa Rosa, a seguinte carta, que não tendo sido publicada, nos pedem publicar aqui:

Meu caro Santa Rosa, li com muito interesse sua nota em "Letras e Artes" a respeito da Bienal de Veneza. O senhor está equivocado: eu não dirijo a revista "Habitat", nem escrevi a nota de que fala como se fôsse de minha autoria. É de minha autoria a nota sobre a "Epoca" de Milão. E confirmo que a arte brasileira foi mal representada em Veneza, que tudo redundou num insucesso, e que penso poderia ter se organizado uma mostra de grande repercussão escolhendo obras e não nomes, e obrigando Segall e outros artistas a participarem da mesma. Se me interessa por este problema é pela estima que tenho à arte brasileira, representada em nosso Museu por inúmeros autores. O Museu "autenticamente brasileiro", cuja organização propõe, parece, a mim, ser o Museu de Arte de São Paulo, pois nele podem-se admirar cinquenta boas e escolhidas pinturas brasileiras. Justamente nestes dias adquirimos um belo quadro de Tarsila, cinco de José da Silva, e recebemos em doação pinturas e estátuas de Brecheret, de Pedro Alexandrino, de Almeida Junior, de Mario Cravo, de Cavalcanti, etc. Não gostaria que o público, lendo sua nota, pensasse que o nosso é um Museu que não se interessa pelo Brasil. No mês passado adquirimos quadros de Franz Post, outro Chamberlain, um Vidal, um Debret etc. Tudo o que há brasileiro que passa pelo mercado internacional, é por nós adquirido.

E, para terminar, a fim de demonstrar que o Museu tem a preocupação de auxiliar os artistas, peço levar em consideração o seguinte:

1 — Em nosso Museu existe uma sala onde podem expor, gratuitamente, todos os jovens artistas brasileiros. Também em casos de venda, não recebemos comissões.

2 — Neste mês o diretor do Museu aceitou a incumbência, por parte da Secretaria da Agricultura, da organização de uma exposição de agricultura, convidando vários artistas a fim de lá trabalharem, com ótimo proveito por parte dos mesmos.

3 — Que o Museu recebe com a máxima cordialidade todos os artistas que a ele se dirigem.

4 — Que o Museu mantém escolas de arte que fornecem empregos a vários artistas. Porisso, se existe um Museu "bem brasileiro", este Museu é o nosso. E será bemvinda a organização de outro que seja ainda mais brasileiro: assim, seremos em dois. Mas é preciso se preparar para os acon-

tecimentos, isto é organizá-lo, trabalhar, suar. Desculpe esta carta tão longa, e desculpe se lhe peço para publicá-la em "Letras e Artes", e também para agradecê-lo por ter falado no Museu de Arte de São Paulo, do qual nunca se fala, ou, se se fala, não é para dêle dizer todo o bem que merece, ou então fazer tôdas as críticas honestas que merece. (Mas o mais estranho é que nossa boa nomeada aparece em tôdas as revistas estrangeiras. Nós publicamos, por exemplo, volumes de arte em português e inglês, que se esgotam em duas edições na América do Norte, e destes volumes não se publica nem uma linha na imprensa brasileira, se excluirmos as cordiais notas de Menotti del Picchia na "Gazeta").

O discurso iria muito longe, meu caro Santa Rosa, porisso, um abraço. — P. M. Bardi.

## Cópia

Há gente que se levanta de manhã cedinho, às cinco horas, para inventar algo de novo. Outros, pelo contrário, levantam-se às quatro, para copiar o que foi inventado. E se pelo menos soubessem copiar.



*Geraldo de Barros, Sapato.*

## Sombra

Há pessoas, que no campo da arte, se colocam sempre na sombra de alguém. E quando o alguém muda de lugar, eles o seguem, mas sempre de maneira de permanecer na sombra, receosos de estar ao descoberto, pois seria então possível ver sua ninharia. O fenômeno vale para os artistas, para os "supporters" de artistas, para todos aqueles ingênuos que escolhem esta vocação na esperança de colher umas flores no jardim da arte: um jardim que não tem somente flores sem espinhas.

ALENCASTRO

Fim do texto da HABITAT 2

*Os clichês foram executados pela Funtimod - Fundação de Tipos Modernos S.A. - Seção Clichêria, Rua Florêncio de Abreu, 762, 2.º andar, Fone 34-8773 - São Paulo.*